

Arrocho salarial estanca crescimento

CESAR FONSECA
Da Editoria de Economia

O arrocho salarial imposto pelo Plano Bresser deverá frustrar a estratégia oficial de alcançar este ano um crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) de 5 por cento. Essa é a previsão dos economistas do Ministério da Fazenda, ao analisarem os indicadores econômicos registrados de janeiro a agosto.

As perdas salariais, que alcançam 40 por cento em relação ao salário médio real do ano passado, estão aumentando ainda mais com a inflação média de 6 por cento ao mês prevista oficialmente neste segundo semestre. Trata-se de uma previsão otimista porque os economistas oficiais acham que como o consumo está caindo os empresários aumentarão os preços para manter a margem de lucro. Ou seja, a tendência é a de elitização crescente do consumo devido ao arrocho salarial.

A produção industrial deverá registrar este ano um crescimento de no máximo 2 por cento segundo os cálculos dos economistas da Fazenda. Os indicadores demonstram que de janeiro a abril ela cresceu 9,3 por cento; de janeiro a maio, começou a cair, 7,6 por cento; em junho a queda se acentuou, 6,2 por cento; em julho não ultrapassou os 4 por cento; e em agosto, dado ainda não revelado, a previsão é de que continuará reduzindo.

Um fato preocupante, segundo a análise dos economistas, é a queda do consumo de energia elétrica. O último dado é de junho, quando se registrou um consumo de 7,8 milhões de GWH, caindo em relação a maio, de 8,1 milhões de GWH. A indústria automobilística registrou uma queda de produção em julho em relação a junho de 15,6 por cento. O mercado interno consumiu 48.920 mil automóveis baixando em agosto para 45.093 o mesmo acontecendo em relação ao mercado externo: agosto: 39.037 unidades contra 40.493 em julho. As indústrias montadoras, segundo a avaliação dos economistas, partirão para pressionar por maiores aumentos de preços, porque o consu-

mo de carros mais baratos está caindo. Ou seja, a classe média não está podendo comprar carro zero quilômetro. Restará às montadoras optar pela fabricação dos carros mais caros, elitizando o consumo.

Dado significativo de avanço da recessão apontada pelos economistas é o nível de falência nos últimos quatro meses em São Paulo. Em março foi registrada 263 falências, em abril 359, em maio 493, em junho 553, em julho 702, último dado. Igualmente preocupante são os dados relativos aos títulos protestados na praça de São Paulo: abril, 30,2 por cento; em maio 44,9 por cento; em junho 56,3 por cento; e, em julho, 61,5 por cento de crescimento em relação a 1986.

O fantasma da recessão, dizem os economistas, pode ser visualizado pelo comportamento dos principais setores industriais, em São Paulo. O de transporte: junho, 104 por cento; julho, 102,4 por cento; e, em agosto, 102 por cento em relação a 1986. Em relação a 1985, quando a economia começou a crescer a partir do segundo semestre, é de 15 por cento; a indústria de papel e papelão, igualmente, aponta para queda nos próximos meses: junho 120,3 por cento; em julho, 115,6 por cento e agosto 114,2 por cento em relação ao mesmo período do ano passado. Somente a exportação está registrando nesse setor avanços significativos: crescimento médio de 20 por cento. Material elétrico registrou queda em agosto em relação a julho: 85,6 por cento contra 86,1 por cento. Para os técnicos este é um dos lados mais preocupantes, porque aponta para uma tendência generalizada de redução das atividades.

O setor de alimentação mantém-se em queda. Em agosto, registrou-se o mesmo crescimento de julho, 95,1 por cento, mas em relação a junho, registrou-se queda de 4,5 por cento, quando registrou-se 97,6 por cento. A liberação dos preços a partir do dia 12 de setembro contribuirá, na visão dos economistas da Fazenda, para reduzir ainda mais o consumo de alimentos no País, nos próximos meses.